

# Mendes Correia

## 1888-1960

entre a ciência, a docência e a política

**Coordenação**  
Ana Cristina Martins

**ACD**  
editores

2011



*Título*

Mendes Correia (1888-1960),  
entre a ciência, a docência e a política

*Coordenação*

Ana Cristina Martins

*Autores*

AAVV

*Produção editorial*

Vítor Escudero

*Capa*

Mendes Correia, fotografado no Outono de 1955,  
aquando da exploração da jazida solutrense do  
Monte da Fainha (Evoramonte).  
Imagem cedida por João Luís Cardoso

*Edição*

ACD Editores

*Design Gráfico*

Paula Coelho Dias

*Impressão*

António Coelho Dias, S.A.

ISBN: 978-972-8855-64-2

Dep. Legal: 344242/12

## ÍNDICE

- 5 **Apresentação**  
**O indivíduo, a ciência e a história** Ana Cristina Martins
- 7 **Preâmbulo**  
João Pereira Neto
- 9 **Patrícia Ferraz Matos**  
*A vida e a obra do Professor Mendes Correia (1888-1960): articulações entre antropologia, nacionalismo e colonialismo em Portugal*
- 37 **Ana Cristina Martins**  
*Mendes Corrêa (1888-1960) e a arqueologia coeva: (en) trechos*
- 75 **João Luís Cardoso**  
*O Professor Mendes Corrêa (1888-1960) e a arqueologia portuguesa: breve síntese*
- 85 **Catarina Casanova**  
O papel de Mendes Corrêa enquanto referência na antropologia biológica em Portugal: caminhos e percursos da Primatologia
- 129 **Teresa Salomé Mota**  
*Mendes Correia, um 'posto avançado' na defesa da Geologia em Portugal*

## **A vida e a obra do Professor Mendes Correia (1888-1960): articulações entre antropologia, nacionalismo e colonialismo em Portugal<sup>1</sup>**

Patrícia Ferraz de Matos<sup>2</sup>

### **Nota introdutória**

Este texto constitui um resumo sobre a vida e a obra de Mendes Correia. Uma das motivações para a realização de uma investigação sobre este tema, que desenvolvo mais detalhadamente na minha tese de doutoramento (Matos, 2012), advém do facto de ter constatado que passados 87 anos (quando a iniciei em 2005) após a criação da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia (SPAEE), em 1918, estava ainda por realizar um estudo sobre a Escola de Antropologia do Porto - cujo representante principal foi Mendes Correia - os trabalhos que produziu e a relação destes com os saberes científicos e a ordem política em Portugal e nas ex-colónias. E isto porque Mendes Correia foi, não só a figura principal da SPAEE, mas também da antropologia portuguesa até aos anos 50 do século XX. Além disso, uma das formas de realizar um estudo antropológico é debruçarmo-nos sobre a própria evolução e desenvolvimento da antropologia. Como referiu o antropólogo João Leal, o “resultado natural da expansão recente da história da antropologia”, fez com que esta se tornasse num “subcampo disciplinar no interior da antropologia” (Leal, 2006, p. 123).

Considero que existiu no Porto uma escola de antropologia, pois na Universidade do Porto existiu um conjunto coeso<sup>3</sup> de professores e alunos/ discípulos e ela foi um local onde se ministrou um ensino relativo a esta disciplina, onde se formaram pessoas para virem a ser especialistas nesta área e se produziu conhecimento durante décadas. Já foram realizados em Portugal alguns trabalhos sobre a história da antropologia portuguesa: de Manuel Areia e Maria Augusta Rocha (1985); de Jorge Freitas Branco (1986); de João Leal (2000, 2006); de Rui Pereira (1986,

<sup>1</sup> Trabalho apoiado através de uma bolsa de doutoramento concedida pela FCT (SFRH/ BD/ 25357/ 2005). Agradeço a Manuela Garcia pela leitura e revisão deste texto. Estou grata ainda aos familiares de Mendes Correia que me ajudaram na reunião de elementos biográficos, assim como aos antigos alunos da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto que entrevistei.

<sup>2</sup> Doutoranda ICS - Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.

<sup>3</sup> Poderá ser interessante analisar a “rede” (Barnes, 1972) de relações sociais constituída pelos professores e alunos desta escola e pelas pessoas e instituições com quem estes se relacionavam.

1998); de João de Pina-Cabral (1991); de Ricardo Roque (2001); e de Gonçalo Duro dos Santos (2005), entre outros. Contudo, à excepção de alguns autores, como Rui Pereira (1998), Ricardo Roque (2001, 2006), Duro dos Santos (2005) e do meu próprio trabalho (Matos, 2006), não é comum os antropólogos e os historiadores nacionais reconhecerem a existência de uma escola de antropologia ligada ao Porto, assim como o legado deixado por Mendes Correia e pelos seus discípulos.

O meu texto pretende assim dar a conhecer o trabalho de uma figura importante no seu tempo – Mendes Correia – explicar as razões que lhe conferiram esse estatuto e analisar a sua influência. Ao fazê-lo, inspiro-me no trabalho desenvolvido no volume 9, dirigido por Richard Handler (2000), da colecção *History of Anthropology*, criada e dirigida durante muitos anos por George Stocking, e que se intitula *Excluded Ancestors, Inventible Traditions. Essays Toward a More Inclusive History of Anthropology*. Nesse volume convidam-se os leitores a conhecerem melhor os académicos que foram sendo esquecidos no tempo, mas que contribuíram para o trabalho antropológico realizado na sua época. Conhecer o trabalho que Mendes Correia desenvolveu e as iniciativas que impulsionou e dinamizou permitir-nos-á também concorrer para uma história da antropologia mais inclusiva, como nos é sugerido pelo subtítulo do volume de Handler.

### A institucionalização da antropologia em Portugal

No que respeita à institucionalização da antropologia em Portugal, a história desta disciplina – entendida nas suas dimensões biológica e sociocultural – não pode ser entendida sem um estudo compreensivo da acção e da produção de alguns dos seus actores mais influentes. Além disso, esta institucionalização insere-se num processo alargado do desenvolvimento de instituições científicas e de disciplinas que emergiram, ou cujo estudo se expandiu, nos finais do século XIX, como a geologia<sup>4</sup>, a arqueologia, as ciências naturais e a medicina, por um lado, e a filologia, a história e a etnografia, por outro. Tal processo esteve também sempre vinculado a factores de natureza política e ideológica. Entre estes merecem destaque as preocupações relativas à construção e consolidação do império colonial e as que diziam respeito ao conhecimento das origens, identidade étnica e práticas culturais do povo português.

De certa forma, podemos dizer que houve duas vertentes de implantação da antropologia em Portugal. Uma mais etnográfica, ligada ao estudo da literatura tra-

<sup>4</sup> Sobre a história da geologia e da antropologia em Portugal, vide Correia (1929).

dicionar e das tradições populares, que remonta ao romantismo, e outra que é a da antropologia física, ligada ao interesse pelas ciências naturais. Segundo João Leal, que no seu estudo considera sobretudo a vertente mais etnográfica, “a primeira grande fase de desenvolvimento da antropologia em Portugal” coincide com as décadas de 70 e 80 do século XIX e “é nesse período que se assiste à emergência, como campo disciplinar autónomo, da antropologia portuguesa” (2000: 29). Nesta emergência, Leal destaca figuras como Adolfo Coelho (1847-1919), Teófilo Braga (1843-1924), assim como os trabalhos de Consiglieri Pedroso (1851-1910) e de Leite de Vasconcelos (1858-1941). Estes autores desenvolvem o seu trabalho num contexto intelectual influído pelas Conferências do Casino de 1871 (nas quais participaram Adolfo Coelho e Teófilo Braga). As referidas conferências proporcionaram um “momento de viragem na cultura e na ciência portuguesas do século XIX” (Leal, 2000, p. 29) e impulsionaram o desenvolvimento de novos ramos do saber – “a par das ciências naturais darwinistas, da história de Renan ou da linguística indo-europeia”, surgia a emergência da ciência a que hoje chamamos antropologia mas que, “na altura, era classificada de muitas outras maneiras” (*idem*, p. 30).

Por seu turno, o interesse pelo estudo das tradições populares no início do século XIX foi influenciado pelos ideais românticos<sup>5</sup>. No caso português, tal como os românticos, alguns etnógrafos portugueses dos anos 70 e 80 do século XIX, influenciados por aqueles ideais, passaram a ver o povo como uma espécie de “avatar doméstico”, na expressão de João Leal (2006, p. 101), do “nobre selvagem”. Alguns etnógrafos elogiam o trabalho de Almeida Garrett e exaltam o tempo das origens dos portugueses. Porém, com o triunfo do evolucionismo, essa heroicização foi substituída por alguns autores, como Adolfo Coelho e Rocha Peixoto, pela sua negativização (Leal, 2006, p. 103). Os distintos aspectos da cultura popular passaram então a ser vistos como “primitivos”, ou “selvagens”, e ilustrativos de sobrevivências do passado que o progresso geral da humanidade tinha ultrapassado (Fabian, 1983). Ao nível internacional, e no âmbito do estudo do *folklore* e dos costumes populares, destacou-se o alemão Max Muller (1823-1900) pelos seus estudos filológicos indo-europeus.

Com uma visão diferente de João Leal, o antropólogo Duro dos Santos (2005) reconhece que a história da antropologia portuguesa foi marcada por duas variantes,

<sup>5</sup> Segundo o historiador George L. Mosse (1963), um dos primeiros factores no surgimento do pensamento racista foram as visões da história que os românticos defenderam. A procura das origens nacionais num passado distante e mítico forneceu um elemento coesivo para o aspecto que diz respeito ao desenvolvimento dos ideais raciais. A procura do passado era orientada racialmente (Mosse, 1963: 74). Para o caso dos românticos portugueses, só uma análise mais detalhada das suas obras permitirá tirar conclusões mais precisas.

tendo sido uma historicista e outra naturalista. Por um lado, a variante mais historicista das “interrogações antropológicas evolucionistas” é “responsável pelo desenvolvimento de uma tradição científica de estudo dos usos e costumes das populações ditas populares/ arcaicas, bem como, e sobretudo, pelo desenvolvimento [...] de grandes esquemas antropológicos sobre a evolução da humanidade à escala universal” (Santos, 2005, p. 61). Entre estes esquemas evolucionistas estão, por exemplo, os do sociólogo e filósofo francês Auguste Comte (1798-1857) e os do sociólogo e filósofo britânico Herbert Spencer (1820-1903), nos quais é “sobre um modelo naturalista de evolução que acabam por ser sintetizados os seus esquemas de evolução social e política” (*idem*, p. 61). Já no caso de advogados e antropólogos como Johann Jakob Bachofen (1815-1857), Lewis Henry Morgan (1818-1881), Henry Maine (1822-1888) e Edward B. Tylor (1832-1917), “os esquemas de evolução social e política não remetem tanto para a selecção natural do modelo darwinista, mas para o estabelecimento de correlações entre linguagem, factos institucionais, usos e costumes e crenças em diferentes estádios naturalizados de evolução social” (*idem*, p. 62).

Por outro lado, a “variante mais naturalista das reflexões antropológicas evolucionistas do século XIX<sup>6</sup>” foi desenvolvida sobretudo no contexto francês (mas também no contexto alemão e no italiano, entre outros), a partir da escola de antropologia de Paris, conduzida então pelo cirurgião e antropólogo Paul Broca (1824-1880), e influenciada, por exemplo, pelos estudos de arqueologia pré-histórica de Gabriel de Mortillet (1821-1898), de frenologia de François-Joseph Gall (1758-1828) e de antropometria do belga Adolphe Quetelet (1796-1874), e, posteriormente, na primeira metade do século XX, nos contextos francês, inglês e alemão, sob o impulso da antropologia biológica (*idem*, p. 62-63).

Ora foi precisamente do lado da variante mais historicista das reflexões antropológicas, referida por Duro dos Santos (2005), que se começou a registar, na primeira metade do século XX, a crítica científica ao discurso evolucionista e ao determinismo naturalista e biológico na interpretação da evolução da humanidade. Seguindo as ideias de Franz Boas (1858-1942) e de Emile Durkheim (1858-1917), alguns antropólogos e outros cientistas “procuram demonstrar, por um lado, a igualdade fundamental de todas as populações humanas e lançar, por outro lado, a separação institucional entre o estudo dos factos ‘naturais’ e o estudo dos factos ‘sociais’” (Santos, 2005, p. 62). Tal processo terá trazido também divisões dentro própria antropologia, como veremos.

<sup>6</sup> Foi a partir desta variante que se formaram disciplinas como a antropologia geral, a arqueologia pré-histórica, a paleontologia humana, a antropologia criminal e a antropologia física.

Em Portugal, no período que vai dos anos setenta do século XIX até aos anos cinquenta do século XX, os estudos de teor antropológico realizados foram dedicados sobretudo à cultura popular de raiz essencialmente rural, embora não de uma forma exclusiva, pois existiam igualmente estudos sobre as colónias. Esse fenómeno pode ser justificado pelo facto de, mormente nos finais do século XIX, se salientar um desejo de busca e de afirmação da “identidade nacional”. Contudo, os estudos ligados à cultura popular ou às populações coloniais “desenvolveram-se separadamente” como referiu João de Pina-Cabral (1991, p. 15). Essa separação pode ser ilustrada com a criação de diferentes instituições ou com a organização de eventos que promoviam, eles próprios, diferentes estudos científicos. É o caso, por exemplo, da criação da Sociedade de Geografia de Lisboa<sup>7</sup>, em 1875, e da realização, em 1880, na Academia das Ciências de Lisboa, do IX Congresso Internacional de Antropologia e de Arqueologia Pré-Histórica. A realização desse congresso foi muito importante para a ciência produzida dentro e fora de Portugal. Logo a 21 de Setembro foi possível tomar conhecimento da memória de Carlos Ribeiro sobre a existência em Portugal do homem terciário numa discussão animada à qual presidiu Rudolf Virchow (1821-1902) e onde participou Georges de Mortillet, entre outros.

Numa comunicação ao I Congresso Nacional de Antropologia Colonial em 1934, Joaquim A. Pires de Lima refere que só em meados do século XIX é que a antropologia se organizou como ciência autónoma com a fundação da *Société d'Anthropologie* no ano de 1859, em Paris, sob os auspícios de Paul Broca<sup>8</sup>. Posteriormente, segundo Pires de Lima, “em todos os países civilizados se criaram sociedades análogas, cátedras, museus e revistas especiais dedicadas à História Natural do Homem” e “começaram então a realizar-se estudos sistemáticos dos diferentes povos e raças” (1934: 105).

Podemos referir outras iniciativas associadas ao surgimento da antropologia em Portugal. É o caso da Sociedade Carlos Ribeiro<sup>9</sup> (1888-1898), criada em 1888, e no ano seguinte, da *Revista de Ciências Naturais e Sociais* (1889-1898) à qual sucedeu a revista *Portugália* (1899-1908). A Sociedade Carlos Ribeiro dividia-se em quatro secções: 1. Geologia e Paleontologia; 2. Zoologia e Botânica; 3. Antropologia; 4. Etnografia. Os seus fundadores foram Júlio de Matos (1856-1922) (presidente), Basílio Teles (1856-1923) (vice-presidente), Rocha Peixoto (1868-1909) (secretário-geral), Fonseca Cardoso (1865-1912) (tesoureiro), Alfredo Pinheiro (1863-1889), João Barreira (1866-1938) e Ricardo Severo (1869-1940).

<sup>7</sup> Sobre a Sociedade de Geografia de Lisboa, vide Guimarães (1984).

<sup>8</sup> De notar que a antropologia de que aqui se fala é a antropologia física.

<sup>9</sup> Sobre a Sociedade Carlos Ribeiro, vide Roque (2001).

Com a Sociedade Carlos Ribeiro revelou-se a dedicação dada no Porto aos estudos antropológicos. Exemplos disso são os quatro volumes da revista citada nos quais participaram os investigadores mais conceituados na época: Teófilo Braga (1843-1924), Santos Rocha (1853-1910), Basílio Teles, Adolfo Coelho (1847-1919), Martins Sarmiento (1833-1899), Ricardo Severo, Rocha Peixoto, Leite de Vasconcelos, Júlio de Matos e Fonseca Cardoso<sup>10</sup> (Pereira e Pita, 1993: 660). Os principais temas analisados eram o estudo do povo português e as origens étnicas da nação. Tais estudos, que aspiravam a um rigor de exactidão semelhante ao das ciências matemáticas e físicas, caracterizaram-se pelo seu teor descritivo, comparativo e classificatório, e assemelhavam-se aos modelos explicativos evolucionistas, avançados na geologia e na biologia, respectivamente por Charles Lyell (1797-1875) e Charles Darwin (1809-1882)<sup>11</sup>.

É nesta altura ainda que a antropologia é vista como antropometria<sup>12</sup> (de preferência no vivo) e vai substituindo a craniometria. De notar que estes estudos eram semelhantes aos que iam sendo feitos pela Europa. Neles era possível encontrar discursos nacionalistas, preocupações com a cultura popular e análises realizadas a partir de dados arqueológicos. No caso da França, a *anthropologie*, inspirada em Broca, reunia várias especialidades científicas: arqueologia, linguística ou anatomia, procurando todas elas fazer a descrição total de um povo.

Além disso, as tentativas de constituição de museus de etnografia e antropologia, assim como as instituições a eles ligadas, iniciaram-se em finais do século XIX. No entanto, os nomes de algumas instituições atestam o lugar que a antropologia tinha junto da zoologia ou da história natural. É o caso do Museu Bocage (Museu Nacional de História Natural que junta a zoologia e a antropologia), do Departamento de Zoologia e Antropologia da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto e do Museu de Antropologia da Universidade de Coimbra, associado ao Museu de História Natural da universidade, onde estão representadas a zoologia, a mineração, a geologia e a botânica.

<sup>10</sup> Fonseca Cardoso foi influenciado também por autores como Rudolf Virchow e Paul Topinard.

<sup>11</sup> Sobre a influência da obra de Darwin em Portugal nos autores da geração dos anos 70 do século XIX, vide Ana Leonor Pereira (2001). Segundo a autora, neste contexto, Darwin raramente nos aparece como “o porteiro dos infernos do século XX, da luta de raças, da eugenia e do crime”.

<sup>12</sup> Sobre o tema da antropologia física e da antropometria na alvorada do século XX, vide Madureira (2003).

## Antropologia em Coimbra

O estudo oficial da antropologia é iniciado em Coimbra. A cadeira de “Anthropologia, Paleontologia Humana e Archeologia Préhistórica” é criada por Bernardino Machado (1851-1944), com a Carta de Lei de 2 de Julho de 1885, na Faculdade de Filosofia. Na “Oração Inaugural do anno lectivo de 1904-1905, recitada na [...] Universidade de Coimbra”, Bernardino Machado, criador da cadeira de Antropologia, dedicado à pedagogia, mas também à política, tendo sido eleito duas vezes Presidente da República, referiu-se a algumas das questões relativas ao ensino superior que então se debatiam e eram fonte de preocupação. O seu discurso é, em parte, exemplificativo do modo como se pensava a articulação entre ciência, ensino, política e nação:

“Ensinar é governar. Pelas idéas se afeiçoam costumes e instituições. Por isso, quando um povo quer cimentar a integridade da patria, faz o que nós fizemos, implanta nella uma Universidade; e, se intenta firmar outro o seu predomínio, procura apoderar-se da sua educação [...]. Assim o comprehendem com plena lucidez a Allemanha, enviando professores a toda a parte do estrangeiro onde conte uma colónia<sup>13</sup>”  
(Machado, 1983, p. 4).

Nos primeiros anos, os assuntos escolhidos para investigação eram sobretudo do âmbito da “antropologia física”. As dissertações para a cadeira de “Anthropologia” visavam os campos da osteologia, etnografia, sociologia, antropometria e ecologia humana. Entre 1907 e 1950, Eusébio Tamagnini<sup>14</sup> (1880-1972), ministro da Instrução Pública e das Belas Artes entre 1934 e 1936, sucedeu a Bernardino Machado, tomou o lugar de lente titular da cadeira de “Anthropologia” e dirigiu a secção de “Anthropologia e Archeologia Prehistórica” do Museu de História Natural. A antropologia passou então a dividir-se em duas vertentes distintas: a “Antropologia Zoológica”, designação de Tamagnini, que pretendia ser uma introdução geral à Primatologia, e a “Antropologia Etnológica”, destinada ao estudo e à caracterização “das raças humanas” (Areia e Rocha, 1985, p. 17-18).

Esta universidade destacou-se também pela criação do “Curso de Etnografia Colonial”<sup>15</sup> cujo programa, elaborado por João Gualberto de Barros e Cunha (1865-1950), no ano lectivo de 1912/13, defendia ser importante “para os povos coloni-

<sup>13</sup> Citação utilizada de acordo com a grafia do texto original.

<sup>14</sup> Sobre o trabalho desenvolvido por Eusébio Tamagnini, vide Santos (2005).

<sup>15</sup> A Universidade de Coimbra já tinha proposto a criação de um Curso Colonial na Faculdade de Direito, em Dezembro de 1901, que foi regido por Rui Ulrich e Marnoco e Sousa entre 1905 e 1910.

zadores” o “conhecimento exacto da etnografia dos indígenas das suas colónias”<sup>16</sup>. Quase todos os assuntos diziam respeito a África e aos seus povos, à organização social ou aos objectos por eles produzidos, mas eram tidas em consideração também as populações da Índia, Macau e Timor. Existia ainda uma componente distinta no ensino da antropologia e que respeitava ao Curso de Antropologia Criminal, autorizado no ano lectivo de 1908/09, com a designação de “Curso de Antropometria”.

Já no relativo à “Antropologia Etnológica” não se assistiu a um grande desenvolvimento, apesar das muitas colecções recolhidas no âmbito da “cultura material”. Ainda assim, a cadeira de “Antropologia Etnológica”, cujo programa dizia ser uma “introdução geral ao estudo das raças”, foi funcionando para os alunos da Faculdade de Letras da universidade. No ano lectivo de 1929-1930 faziam parte do programa, entre outros, os tópicos: “Etnologia e Etnografia, considerações gerais”, “Noções de espécie e raças”, “Caracteres distintivos das raças”, “Cor da pele, melaninas, etc.”, “Os diversos índices antropométricos”, “Classificação das raças humanas”, “Classificação de Topinard”, “Classificação de Deniker”, “Classificação de Strats”, “Classificação de Schertz, Ruggeri, Haddan”.

Seguindo estas matérias, Tamagnini e os seus discípulos desenvolviam trabalhos no âmbito da somatometria e osteometria, fisiologia e biodemografia. Coimbra desenvolvia uma perspectiva semelhante à antropologia germânica no sentido de uma *rasenkunde*. No ano lectivo de 1939-1940 a cadeira de “Antropologia” da Faculdade de Ciências, continuava a incluir no programa matérias como “Morfologia comparada dos Hominidos actuais”, “Antropometria”, “Osteometria”, “Cranio-metria”, “Os tipos morfológicos dos Hominidos actuais” e “As noções de espécie e de raça à luz dos princípios da Genética” (Areia e Rocha, 1985: 21, 52). Como se pode verificar, houve uma forte influência por parte dos teóricos evolucionistas no pensamento científico português.

Nas décadas de 10 e 20 do século XX registam-se factos similarmente importantes na cidade do Porto no que respeita à institucionalização da antropologia e tal vem a dever-se a Mendes Correia, como veremos. Por essa razão, a secção seguinte do texto focará os aspectos relativos à sua biografia e à sua obra e acção, uma vez que a escola antropológica portuense se situa principalmente em torno desta figura.

### Percorso biográfico de Mendes Correia

António Augusto Esteves Mendes Correia nasceu no Porto em 1888. Segundo o seu registo de nascimento, era filho de António Maria Esteves Mendes Correia,

<sup>16</sup> Trata-se de um dos tópicos da introdução ao programa do curso citado em Areia e Rocha (1985: 18).

natural da freguesia e concelho de Vagos, diocese de Coimbra, e de Etelvina Marques Mendes Correia, natural do Porto (Fig. 1). É em Lisboa também, na freguesia de São Sebastião da Pedreira, que vem a falecer a 7 de Janeiro de 1960 com 71 anos de idade. Uma influência determinante na vida de Mendes Correia terá sido a do seu pai, médico de profissão, mas cuja consciência política e social, o ligou também ao Partido Progressista do concelho de Vagos e mais tarde à Câmara Municipal do Porto, tendo sido seu vereador.

Na primeira fase da sua vida, Mendes Correia esteve ligado essencialmente ao Porto. Licenciou-se em Medicina em 1911, na Escola Médico-Cirúrgica, e nesse mesmo ano tornou-se professor e investigador da recém-criada Faculdade de Ciências da Universidade do Porto. Começou a carreira como professor-assistente e teve a seu cargo o ensino da antropologia desde 1912 (Fig. 2).

No seu tempo Mendes Correia foi considerado um cientista de grande importância. Numa fotografia tirada no Instituto de Anatomia, por ocasião da reunião do curso de 1911, vemo-lo entre figuras como Hernâni Monteiro, Almeida Garrett, Joaquim A. Pires de Lima e Américo Pires de Lima (Fig. 3).

Mendes Correia criou na Faculdade de Ciências, ainda em 1912, o museu e o laboratório antropológicos (que em 1923 adquiriram o estatuto de instituto) ligados ao ensino e à investigação (Fig. 4), tendo reunido no museu um espólio considerável. Foi director do Instituto de Antropologia e Etnologia desta Faculdade que passou, posteriormente, a ostentar o seu nome (Instituto de Antropologia Dr. Mendes Correia). Fez concurso de provas públicas (1913) na mesma faculdade e, mais tarde, tornou-se Professor Catedrático (1921). Leccionou ainda Geologia, Geografia Física, Física do Globo e Paleontologia e também as cadeiras de Geologia e Etnologia na Faculdade de Letras do Porto desde 1919 até à sua extinção institucional (1928).

Mendes Correia fundou em 1918, juntamente com Luís Viegas, Aarão de Lacerda e José Ferreira, a Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia (Fig. 5), da qual foi presidente. De acordo com o Artigo 1.º dos Estatutos de 1918, a SPAE tinha os seguintes objectivos:

“Art. 1.º - A ‘Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia’ tem por objectivo estimular e cultivar em Portugal o estudo dos métodos antropológicos, da antropologia zoológica e arqueologia prehistóricas, psicologia experimental, etnografia, e dos ramos científicos seus derivados ou aplicados, como as antropologias militar, pedagógica, clínica, criminal, judiciária, etc.”<sup>17</sup> (Estatutos da SPAE, 1918).

<sup>17</sup> Citação utilizada de acordo com a grafia do texto original.



De notar que a SPAE ainda hoje existe, na qualidade de Instituição Colectiva de Utilidade Pública<sup>18</sup>, tendo como presidente o arqueólogo Vítor de Oliveira Jorge e continua a publicar a sua revista, intitulada *Trabalhos de Antropologia e Etnologia* (TAE), com artigos no âmbito de todas as ciências sociais.

A partir de 1920 Mendes Correia foi membro da Junta de Educação Nacional e participou em várias comissões de reforma do ensino universitário. Foi director da Faculdade de Ciências entre 1929 e 1935. Constituiu, assim, no Porto, com o apoio de vários colaboradores e discípulos, uma escola antropológica que continuou a tradição do núcleo da *Portugália*, da qual fizeram parte Ricardo Severo, Rocha Peixoto, José Fortes, Fonseca Cardoso<sup>19</sup> e outras figuras de destaque neste contexto, como já referi.

Foi a sua ligação à universidade, como professor e investigador, que lhe permitiu fundar a Escola Antropológica Portuense, como ele próprio a designou num texto (Correia, 1941a) que publicou em 1941 (Fig. 6), e possibilitou a existência de condições para o ensino e a investigação nesta área (com a criação do Instituto de Antropologia e do Museu).

Da biografia de Mendes Correia destaca-se ainda o facto de ter sido sobrinho, por afinidade, de José Relvas – o homem que, para além de ter proclamado a independência da República da varanda dos Paços do Concelho de Lisboa, foi ministro do governo provisório e era um proprietário em Alpiarça. Mendes Correia passava largas temporadas nesta localidade e daí surge a sua ligação com as explorações dos concheiros de Muge (Correia, 1933, 1934c, 1940e, 1956). Como acréscimo, era cunhado do historiador portuense Artur de Magalhães Basto (1894-1960), homenageado recentemente pela Universidade do Porto com um ciclo de conferências iniciado em 6 de Dezembro de 2005, e com ele manteve uma relação de amizade.

Mendes Correia, republicano, depois adepto do Estado Novo, dedica-se não só à universidade, mas também à política. De 1936 a 1942 foi presidente da Câmara Municipal do Porto, exercendo nesse período igualmente o cargo de Procurador da Câmara Corporativa, e sendo por isso um dos representantes importantes do Porto em ocasiões especiais, como foi o caso da visita do chefe de Estado Óscar Carmona<sup>20</sup> (Fig. 7). O seu percurso é dedicado não só à sua cidade natal, mas também à nação, uma vez que foi deputado na Assembleia Nacional, de 1945 a 1957, assim como

<sup>18</sup> De acordo com o D.R. n.º 89, 2.ª série, de 16-4-1987.

<sup>19</sup> Foi Mendes Correia que veio a elevar Fonseca Cardoso à categoria de fundador da “antropologia colonial portuguesa”, publicando alguns dos seus trabalhos após a sua morte.

<sup>20</sup> Óscar Carmona foi Presidente da República durante 5 mandatos, entre 1926 e 1951.

Director da Escola Superior Colonial, tendo estado por detrás de várias reformas que conduziram a alterações na estratégia ultramarina do país.

No âmbito das sessões da Câmara Municipal do Porto<sup>21</sup> defendeu a construção de casas para as classes sociais mais pobres, promoveu a realização de conferências no Palácio de Cristal sobre História de Portugal e História da Civilização e incentivou a realização de cursos (em regime de faculdade livre) com carácter de continuidade sobre língua, literatura, história, belas artes, folclore, história da metrópole e das colónias, sem a preocupação de diplomas, programas rígidos ou exames (sessão de 17-9-1936).

Enquanto deputado à Assembleia Nacional<sup>22</sup>, entre outras propostas, defendeu a possibilidade de as mulheres votarem, assim como todos aqueles que tivessem capacidade jurídica. Em 1951, numa das sessões do parlamento, defendeu não concordar com a distinção entre cidadãos e indígenas, pois todos os portugueses, quer da metrópole, quer das colónias, deveriam ser considerados “irmãos” e iguais perante a lei portuguesa. Nessas sessões, muitas vezes Mendes Correia integrava nos discursos e nos debates alguns conteúdos das leituras que realizava, assim como os seus conhecimentos do domínio científico.

Realizou viagens ao Brasil (1934 e 1937), conheceu pessoalmente Gilberto Freyre e visitou o Real Gabinete Português de Leitura no Rio de Janeiro. Participou ainda numa missão científica especial à Guiné Portuguesa, em 1946, acompanhado pelo seu assistente Amílcar de Magalhães Mateus, para preparar a primeira missão antropológica àquela região que seria chefiada no ano seguinte por esse seu assistente. Nessa altura, Mendes Correia passou também pelo Senegal, antes de ir para a Guiné, e realizou vários contactos. Estando na Guiné, visitou o IFAN – Institut Français de l’Afrique Noire (IFAN), assim designado aquando da sua criação em 1936, mas alterado em 1966 para Institut Fondamental de l’Afrique Noire (substituição de “français” por “fondamental”), e que era um instituto fundamental da frente nacional. Aí Mendes Correia encontrou-se com vários professores e investigadores, como Théodore Monod (1902-2000), demonstrou abertura a outras antropologias e a outros autores, e mobilizou-se no sentido de continuar a estabelecer contactos e permutar trabalhos com diversos estudiosos seus contemporâneos.

<sup>21</sup> Para esta investigação foram consultadas as *Actas da Comissão Administrativa da Câmara Municipal do Porto* (vários volumes) e o *Boletim da Câmara Municipal do Porto* (vários números). Sobre os presidentes da Câmara Municipal do Porto, vide Sousa, Ribeiro e Rocha (2009).

<sup>22</sup> Sobre a intervenção de Mendes Correia nos debates da Assembleia Nacional, vide <http://debates.parlamento.pt>



Em 1946, após a reorganização da Junta das Missões Geográficas e de Investigações Coloniais (depois Junta de Investigações do Ultramar), foi eleito presidente da mesma e dirigiu a secção antropológica. Nesse mesmo ano passou a dirigir a Escola Superior Colonial, acumulando o cargo de direcção com o de professor, nessa escola (que mais tarde seria designada por Instituto Superior de Estudos Ultramarinos) entre 1949 e 1958. Em 1953 participou numa missão antropológica a Timor-Leste, tendo a oportunidade de contactar com a sua população<sup>23</sup>.

Esteve presente em vários eventos internacionais e obteve várias agremiações científicas. Em resultado das posições e lugares que ocupou, na universidade e na sociedade, foi distinguido no país e no estrangeiro. Ao nível internacional Mendes Correia possuía o título de Doutor Honoris Causa das Universidades de Lyon (1931), de Montpellier (1941) e de Witwatersrand (Joanesburgo, 1949) e o título de Excelência concedido pela Academia Pontifícia das Ciências Novi Lyncae (Roma, 1940). Foi também agraciado com as seguintes condecorações: Cavaleiro da Ordem Civil de Afonso XII (Madrid, 1921), Colar da Academia Pontifícia de Ciências Novi Lyncae (Roma, 1924), Comendador da Ordem da Coroa da Bélgica (Bruxelas, 1931), Oficial da Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul (Rio de Janeiro, 1937), Comendador da Ordem da Coroa de Itália (Roma, 1939), Benemerência, com medalha de ouro, da Sociedade Nacional Dante Alighieri (Roma, 1940), Oficial da Ordem Nacional da Legião de Honra (Paris, 1941), Comendador da Ordem de Afonso X, o Sábio (Madrid, 1945), Medalha de vermeil da Liga Francesa de Entreeajuda Social e Filantrópica (Paris, 1955) e Grande Oficialato da Ordem de Instrução Pública (França). Recebeu também a Honra da Real Sociedade Portuguesa de Beneficência (Petrópolis, 1937). No contexto nacional recebeu as distinções de Grande-Oficial da Ordem da Instrução Pública (Lisboa, 1931), Grande-Oficial da Ordem Militar de Cristo (Lisboa, 1937), Grã-Cruz da Ordem da Instrução Pública (Lisboa, 1941), Grande-Oficial da Ordem Militar de Santiago da Espada (Lisboa, 1957), Grande Oficial da Ordem do Império (Lisboa, 1958), Comenda dos Bombeiros Voluntários Portuenses (Porto) e foi honrado pela Cruz Vermelha Portuguesa.

Em 1958, ano em que se jubilou, pertencia ainda, apesar de ter atingido o limite de idade, ao Conselho Ultramarino (antigo Conselho do Império) e à Junta de Investigações do Ultramar. Presidiu também a Sociedade de Geografia de Lisboa desde 1951 até ao fim da sua vida (Pinto e Magalhães, 1942).

<sup>23</sup> Sobre esta visita, vide Correia (1955).

## Reconhecimento actual de Mendes Correia

Apesar da importância que teve Mendes Correia no passado, verifica-se uma quase ausência do seu nome no presente. Numa iniciativa recente, onde são destacadas algumas individualidades no projecto intitulado “Grande Porto”, que tem procurado criar ou melhorar as biografias de personalidades ilustres nascidas no Grande Porto ou que estiveram ligadas à região, fazem parte, Ricardo Jorge e Rocha Peixoto, por exemplo, mas não Mendes Correia.

Todavia, Mendes Correia não deixa de ser uma figura a quem foi feito reconhecimento público posteriormente à sua morte. A Câmara Municipal do Porto, por exemplo, decidiu homenageá-lo em 1963 atribuindo o seu nome a uma das ruas<sup>24</sup> da cidade invicta (“Rua do Professor Mendes Correia (1888-1960) – Antropólogo e Arqueólogo”) situada na freguesia de Paranhos.

Recentemente, Mendes Correia foi recordado e destacado numa edição da revista *Al-Madan* editada pelo Centro de Arqueologia de Almada. Dessa edição de 1999 faz parte um dossier dedicado à arqueologia portuguesa no século XX. Mendes Correia é lembrado em vários artigos sobre a história e o percurso da arqueologia em Portugal, a partir dos quais podemos perceber com quem colaborou na produção de trabalhos, ou na promoção de eventos, no âmbito da investigação e divulgação do conhecimento arqueológico e com quem se confrontou, ou entrou em dissidência, a propósito da defesa de algumas teorias e ideias, principalmente com Manuel Heleno, arqueólogo e discípulo de Leite de Vasconcelos, mas também com José Coelho, Henri Vallois ou Damião Peres.

Em 2005 Mendes Correia voltou a ser homenageado por ocasião do Ciclo de Exposições intitulado “Aventureiros, Naturalistas e Coleccionadores”, uma iniciativa da Universidade Júnior, coordenada pela Reitoria da Universidade do Porto e por Paulo Gusmão Guedes, que decorreu no Jardim Botânico da Faculdade de Ciências. A sua organização contou com o apoio do Centro de Estudos Africanos da mesma universidade e beneficiou da existência do espólio das colecções do Museu de História Natural da Faculdade de Ciências<sup>25</sup>.

<sup>24</sup> Também o seu pai foi distinguido com a atribuição do seu nome a uma rua, intitulada “Rua Dr. Mendes Correia (Pai)”, mas neste caso situada em Vagos, local de onde era natural, no concelho de Aveiro.

<sup>25</sup> Reitoria da Universidade do Porto (coord.). 2005. *1. Etnologia e Arqueologia. Mendes Correia. Ciclo de Exposições “Aventureiros, Naturalistas e Coleccionadores”*. Porto: Universidade do Porto.

Cada uma das exposições do ciclo foi dedicada a uma colecção, um evento e uma personagem<sup>26</sup>. A primeira delas (Fig. 8), que abriu o ciclo, foi dedicada à etnologia e à arqueologia, assim como à figura de Mendes Correia. A exposição era muito resumida, tinha uma pequena biografia de Mendes Correia no início e dava conta, de uma forma breve, do seu legado - obra académica (e de âmbito colonial) sobretudo. No final da visita ficava-se com a ideia de que os organizadores da exposição pretenderam dela fazer sobressair uma personalidade que, acima de tudo, realizou e impulsionou a concepção de trabalhos de investigação ao nível da antropologia e da arqueologia e que, ao fazê-lo, contribuiu também para o enriquecimento da Universidade do Porto e da cidade que acolheu esta iniciativa.

Por ocasião do cinquentenário da morte de Mendes Correia, destaco a organização de um seminário em sua homenagem, realizado na Universidade Lusófona em Dezembro de 2010, do qual resulta o presente livro, e de uma conferência transdisciplinar, em Janeiro de 2011, que se concretizou a partir de uma diligência conjunta das Faculdades de Letras e de Ciências da Universidade do Porto, assim como da Câmara Municipal do Porto.

### A obra e o legado de Mendes Correia

Mendes Correia (Fig. 9) é uma figura dominante da antropologia em Portugal, com o qual só ombreia Leite de Vasconcelos e que só nos anos 50 do século XX cederá em importância face a Jorge Dias (1907-1973). Tentou criar na Faculdade de Ciências da Universidade do Porto as disciplinas de Pré-História, Etnografia e Antropologia Criminal e procurou elevar o estatuto universitário da Antropologia ao reclamar a autonomização do ensino desta disciplina nos cursos de Medicina, pretendendo igualar a sua importância às disciplinas de Anatomia e Fisiologia. A este empreendimento, junta-se o seu esforço de internacionalização, na medida em que são diversos os artigos que publicou em francês, inglês e italiano, entre outros, tratando-se assim de um dos autores portugueses da sua época mais conhecidos no estrangeiro.

<sup>26</sup> Decorreram sempre no Jardim Botânico da Universidade do Porto, as seguintes exposições: 1. Etnologia e Arqueologia, Mendes Correia (Outubro a Dezembro de 2005); 2. Medicina, Luís de Pina (Fevereiro a Março de 2006); e 3. Botânica, Gonçalo Sampaio (Junho a Setembro de 2006). A homenagem a Augusto Nobre foi realizada entre o final de 2006 e Janeiro de 2007.

A sua obra (com vários trabalhos sobre os lusitanos e a génese de Portugal<sup>27</sup>) está em sintonia com as políticas nacionalistas e colonialistas da República e do Estado Novo. No que diz respeito aos seus estudos sobre a origem do homem podemos constatar que Mendes Correia era monogenista e evolucionista (Correia, 1921a, 1926a).

Todavia, a sua actividade não se circunscreve à arena da universidade. Mendes Correia elabora programas de Antropologia Criminal e Regeneração Social, desenvolvidos nos anos 10 e 20 do século XX (Correia, 1931a). Neste âmbito chegou a ocupar, inclusivamente, o lugar de médico e juiz-adjunto no Refúgio anexo da Tutoria Central da Infância do Porto, instalada em 1912, e emitiu pareceres sobre várias crianças e jovens.

Mendes Correia escreve também sobre grupos considerados desviantes ou fora da “normalidade”, como os criminosos, por influência de Lombroso, mas entra em dissidência com as suas teses (Correia, 1913, 1914). A propósito do seu estudo acerca da natureza do homem de génio e do problema do delinquente, combateu as doutrinas de Lombroso e estudou a distribuição geográfica dos “homens superiores” em Portugal, assim como as produções literárias e artísticas dos alienados (Correia, 1911).

No que respeita aos estudos de domínio pré-histórico e arqueológico, Mendes Correia encontrou uma individualidade antropológica de tipo predominante nos concheiros pré-históricos de Muge a que chamou de *Homo afer taganus* (Correia, 1923a, 1936). Para este autor, os lusitanos tinham uma antiguidade pré-céltica e eram o principal elemento etnogénico do povo português. Segundo ele, era na bacia do Índico que estava aquele que se supunha como o berço da humanidade (arco antropofílico Índico) (Correia, 1925). Além disso, colocou a hipótese de penetração de alguns elementos étnicos na América do Sul via Antárctica, numa data geológica anterior àquela que então se julgava a mais provável.

Mendes Correia produziu ainda vários trabalhos no âmbito da osteometria portuguesa (Correia, 1918, 1919a, 1919?, 1920, 1923b, 1926b). A sua dedicação à investigação biológica, no domínio humano, permitiu-lhe elaborar vários trabalhos sobre grupos sanguíneos (Correia, 1931b), constituições (Correia, 1941b), masculinidade nos nascimentos (Correia, 1946), entre outros assuntos. No campo antropológico, desenvolve trabalhos nos quais procura encontrar relações entre o domínio

<sup>27</sup> Em muitos trabalhos de Mendes Correia há como que uma procura constante das origens – do povo português (Correia, 1921b), do homem em geral (Correia, 1921a), da cidade de Lisboa (Correia, 1950b) ou da cidade do Porto (Correia, 1932, 1935, 1950a), por exemplo.

físico e moral dos homens (Correia e Azevedo, 1933) e onde encontramos alguma conformidade com outros produzidos nesta altura ao nível europeu e americano<sup>28</sup>.

Em 1927 considerou, numa intervenção apresentada ao Congresso Nacional de Medicina, que o desfalque humano causado pela onda emigratória, pela mortalidade, pela tuberculose e pela ilegitimidade das crianças colocava a eugenia na ordem do dia. Propôs a segregação dos criminosos reincidentes, a esterilização nos casos de grandes taras, a regulamentação da imigração e o impedimento do casamento aos “mendigos profissionais” que iriam pesar económica e “lugubremente sobre a vitalidade e a saúde germinal da raça” (Correia, 1928).

Nos anos 30 e 40 do século XX, e na qualidade de director do Instituto de Antropologia da Faculdade de Ciências, Mendes Correia participou na elaboração de um programa colonial, que impulsionou a investigação científica sobre os espaços ultramarinos portugueses. Nesse sentido, incentivou a realização de missões antropológicas a alguns territórios de África e Timor, que estiveram a cargo de alguns investigadores da Universidade do Porto. Inicialmente circunscritas a Moçambique, as missões antropológicas foram dedicadas sobretudo às práticas antropométricas. Quem chefiou a maioria das missões foi Santos Júnior<sup>29</sup>, discípulo e orientando de Mendes Correia. Por decisão de Vieira Machado, ministro das Colónias, foram então enviadas tais missões aos espaços coloniais<sup>30</sup>. Segundo o decreto n.º 34478, de 3 de Abril de 1935, elas tinham como objectivo o “conhecimento dos grupos étnicos de cada um dos nossos domínios ultramarinos, ou seja, a elaboração das respectivas cartas etnológicas” (Júnior, 1956: 6). As missões foram enviadas também à Guiné, Angola, S. Tomé e Príncipe e Timor.

Em 1934 participa no I Congresso Nacional de Antropologia Colonial (Correia, 1934a, 1934b) e em 1940 nos Congressos do Mundo Português<sup>31</sup> (Correia, 1940a, 1940b, 1940c, 1940d), tendo aí mais uma vez oportunidade para expor as suas ideias publicamente. Pela leitura dos seus textos, percebemos que Mendes Correia era conhecedor dos trabalhos de alguns brasileiros como Baptista Lacerda, Oli-

<sup>28</sup> Sobre este assunto, vide Stocking (1988).

<sup>29</sup> Para saber a listagem completa das obras publicadas no âmbito das Missões Antropológicas de Moçambique, vide Júnior (1956). Sobre as missões às colónias, vide Correia (1945) e Júnior (1937a, 1937b, 1938a, 1938b, 1944a, 1944b).

<sup>30</sup> As missões antropológicas ficavam “dependentes da Junta das Missões Geográficas e de Investigações Coloniais” e cada uma deveria ser constituída por: “um chefe (antropologista de competência reconhecida)”; “um ou mais adjuntos e ajudantes (pessoas idóneas propostas pelo chefe)”; “pessoal dos quadros e serviços da respectiva colónia” e “pessoal europeu ou indígena” que os chefes das missões entendessem necessário (“Missões Antropológicas e Etnológicas às Colónias, Decreto-Lei n.º 34.478”. 1951: 146-147).

<sup>31</sup> Sobre as participações de Mendes Correia nestes congressos, vide Matos (2006).

veira Viana<sup>32</sup>, Silvio Romero<sup>33</sup>, Roquette Pinto<sup>34</sup>, Lôbo de Oliveira, Óscar Brown<sup>35</sup>, Pedro Calmon, Euclides da Cunha, Alfredo Ellis Júnior e Gilberto Freyre, sendo este último o autor da famosa tese do luso-tropicalismo a ser incorporada pela ideologia colonial do Estado Novo em meados dos anos 50 do século XX.

São de salientar os seus livros cujo título remete especificamente para a temática da “raça”, como *Raça e Nacionalidade* (Correia, 1919b) ou *Raças do Império* (Correia, 1943). Perante a tão grande diversidade humana a que é exposto, Mendes Correia procede no livro *Raças do Império* (Fig. 10) a um esforço de inventariação, sistematização e classificação dessa realidade. Mendes Correia apelava à utilização do factor racial como explicativo da diferenciação humana e defendia que as culturas podiam ser analisadas a partir do estudo das “raças”. No entanto, apesar de tentar ser objectivo no que diz respeito aos caracteres raciais, parece não ter conseguido encontrar critérios suficientemente válidos que pudessem ser aplicados universalmente a qualquer um dos grupos que constituíam o império. Além do mais, ao proceder a esta ordenação, acabou por hierarquizar os grupos, discriminando uns em detrimento de outros. Contudo, apesar da diversidade que apresenta entre leucodermes, negros, bantos, mouros, indianos, chinas, indonésios, entre outros, regista-se o seu propósito de a ela associar uma certa “unidade” e solidariedade decorrente de um contexto no qual se procurou afirmar a soberania portuguesa naqueles territórios.

No ano de 1945, Mendes Correia criou e dirigiu no Porto o Centro de Estudos de Etnologia Peninsular<sup>36</sup> (CEEP) que contemplava já uma dimensão etnológica. Para organizar a secção de etnografia do Centro convidou Jorge Dias, que veio a dirigir o CEEP, e uma equipa de colaboradores [Margot Dias, Fernando Galhano (1904-1995), Ernesto Veiga de Oliveira (1910-1990) e Benjamim Pereira] que com ele procuraram desenvolver uma investigação no domínio da etnologia e da etnografia portuguesas, isto é, num âmbito diferente daquele que tinha a SPAE mais no domínio da “antropologia física”. A partir de 1949 o Centro divide-se em várias secções: “pré-história” (dirigida por Mendes Correia), “antropologia física” e “biologia humana” (dirigida por Alfredo Athayde) e “etnografia” (dirigida por J. Dias).

<sup>32</sup> Historiador contemporâneo de Roquette Pinto, Lôbo de Oliveira e Óscar Brown, entre outros.

<sup>33</sup> Historiador que via o Brasil como o produto de três “raças”: branco europeu, negro africano e índio aborígine.

<sup>34</sup> Historiador que classificou os grupos humanos em leucodermes, faiodermes e melanodermes.

<sup>35</sup> Antropólogo e biotipologista, autor de *O normótipo brasileiro*. Para Mendes Correia, este livro concebe num esforço de simplificação, não um “normótipo”, mas pelo menos três, “correspondentes respectivamente aos leucodermes, aos faiodermes e aos melanodermes da classificação de Roquette Pinto” (Correia, 1940d).

<sup>36</sup> Em alguns locais, nomeadamente na Internet, é referido, talvez devido à projecção que veio a ter Jorge Dias, que este centro foi criado por Jorge Dias e não Mendes Correia.

Só a 18 de Maio de 1954 foi criado o Centro de Estudos de Etnologia do Ultramar<sup>37</sup> (CEEU) em Lisboa, com o apoio do Instituto Superior de Estudos Ultramarinos (ISEU) e da Junta de Investigações do Ultramar (JIU), que já incluía a vertente ultramarina e estimulava “um conhecimento não exclusivamente biológico das populações dominadas” (Pereira, 1986, p. 194).

Tal como Eusébio Tamagnini, Mendes Correia defendeu que a mestiçagem devia ser evitada. No I Congresso Nacional de Antropologia Colonial considerou que, tendo em conta o “ponto de vista dos altos interesses da nação e da humanidade” não se devia favorecer o mestiçamento (1934a). Mendes Correia não apoiava a mestiçagem, porque, segundo ele, um mestiço era “um sêr imprevisto no plano do mundo” (1934a, p. 332). Já no período após a Segunda Grande Guerra os seus discursos parecem ter sofrido algumas alterações. Por exemplo, numa sessão da Assembleia Nacional, ocorrida a 12 de Março de 1952, apela ao sucesso da “colonização branca” em África (1952, p. 20) e refere-se aos nativos de um modo mais benévolo, defendendo a necessidade de ter em conta os seus “interesses” e “direitos” e argumentando que quem preconiza a “supremacia dos interesses do branco” são “aqueles que não compreendem o valor real do negro” (*idem*, p. 20-21).

Os autores mais citados por Mendes Correia e aqueles que constituem as suas fontes e influências principais são, por exemplo, Charles Darwin, Georges Cuvier (1769-1832), Paul Topinard (1830-1911), Paul Broca, Armand de Quatrefages (1810-1892) ou Vacher de Lapouge (1854-1936)<sup>38</sup>. Mendes Correia considerava-se um especialista do Homem, nas duas vertentes que considerava indissociáveis, a física e a cultural. Ao mesmo tempo, foi desenvolvendo estudos em várias áreas científicas e abordou algumas questões de um modo transdisciplinar, tomando em conta os conhecimentos da história, da arqueologia, da geografia, da paleontologia e da etnografia.

Entre os representantes principais da Escola de Antropologia do Porto estiveram Mendes Correia, Santos Júnior e António de Almeida. De todos, Mendes Correia é o que mais divulga o seu trabalho e assume um papel preponderante. Nos anos 30, António de Almeida e Santos Júnior começam a afirmar-se com a produção de artigos no âmbito da “antropologia física”, cuja temática incidia sobre as “populações colonizadas”, como se pode ver pelas comunicações que apresentaram ao Congresso de Antropologia Colonial (1934). Mais tarde, destacaram-se também Alfredo Ataíde, professor das aulas teóricas de Antropologia, e Leopoldina Paulo, sua assistente.

Das entrevistas realizadas a antigos alunos pude constatar que é de Leopoldina Paulo, sobretudo, que esses outrora discentes da cadeira de Antropologia se recordam, a par dos variados temas que eram englobados na cadeira e que podiam ser aprofundados nos trabalhos práticos. Recentemente, a *Revista dos Antigos Alunos da Universidade do Porto*, de Junho de 2007, publicou na contracapa uma fotografia de Leopoldina Paulo, datada de Novembro de 1944, homenageando assim a primeira mulher doutorada pela Universidade do Porto.

### Em conclusão

Apesar de na primeira fase da sua vida Mendes Correia ter estado mais ligado ao Porto e numa segunda fase mais a Lisboa, a análise da correspondência entre Mendes Correia e Santos Júnior, ao longo de vários anos, no Arquivo do Centro de Memória de Moncorvo, permitiu-me concluir que, embora Mendes Correia se tenha afastado fisicamente do Porto, devido aos cargos que ocupou em Lisboa, nunca se afastou verdadeiramente de tudo o que se passava no Instituto de Antropologia e no Museu por si criados. E foi precisamente através de Santos Júnior que foi acompanhando a escola e supervisionando o que nela se passava. Mendes Correia sugeria, inclusivamente, temas de investigação aos seus discípulos, locais de recolha ou assuntos que deveriam ser aprofundados face a novas descobertas de que tivesse conhecimento, ou por sugestão de alguns dos seus pares em congressos internacionais. O mentor da escola antropológica portuense recomendava também, através de Santos Júnior, a que congressos poderiam ir as pessoas ligadas à escola e propunha os nomes de quem faria sentido a eles deslocar-se, assim como os possíveis temas de investigação a considerar e a desenvolver.

A análise do trabalho das principais figuras ligadas a esta escola, e sobretudo do trabalho de Mendes Correia, é fundamental para compreendermos as estratégias do percurso da antropologia e a forma como os saberes estavam interligados entre si, em Portugal e em outros países, durante o período que vai dos finais do século XIX até anos 60 do século XX. Para concluir, podemos dizer que o estudo deste contexto é precioso não só por aquilo que nos permite conhecer acerca da institucionalização e do desenvolvimento da antropologia em Portugal, mas também acerca das relações entre o contexto nacional e colonial que foi lhe contemporâneo.

<sup>37</sup> Este centro viria a ser substituído a 30 de Maio de 1962 pelo Centro de Estudos de Antropobiologia, criado na Junta de Investigações do Ultramar para funcionar junto do Instituto Superior de Estudos Ultramarinos.

<sup>38</sup> *Vide* Matos (2000).

## Fontes e bibliografia

- Actas da Comissão Administrativa da Câmara Municipal do Porto* (vários volumes).  
*Acta da reunião da Comissão de Toponímia da Câmara Municipal do Porto, 8 de Janeiro de 1963*. Porto: Câmara Municipal do Porto.
- Assento n.º 114 do Registo de Baptizados em 1888 na Freguesia da Vitória no Porto*. Porto: Arquivo Distrital do Porto.
- Boletim da Câmara Municipal do Porto* (vários números).
- AREIA, M. R. de, ROCHA, M. A. da (1985) – O Ensino da Antropologia em Coimbra. In *Cem Anos de Antropologia em Coimbra, 1885-1985*. Coimbra: MLAUC, p. 13-60.
- BARNES, J. A. (1972) – Social Networks. *Module in Anthropology*. N.º 26. Reading, MA: Addison-Wesley.
- BRANCO, F. (1986) – Cultura como ciência? Da consolidação do Discurso Antropológico à Institucionalização da Disciplina. *Ler História*. N.º 8, p.75-101.
- CORREIA, M. (1911) – *O Génio e o Talento na Patologia*. Porto: Imprensa Portuguesa.
- CORREIA, M. (1913, 1914) – Os Criminosos Portugueses: *Estudos de Antropologia Criminal*. 1.ª ed. 1913, Porto, Imprensa Portuguesa. 2.ª ed, 1914, Coimbra: F. França Amado.
- CORREIA, M. (1918) – Osteometria Portuguesa. I Coluna Vertebral. *Annaes da Academia Polytechnica do Porto*. Coimbra: Imprensa da Universidade, p. 1-30.
- CORREIA, M. (1919) – Osteometria Portuguesa. I. Tronco e esqueleto zonal dos membros. In *Congreso de Bilbao*. Asociación Española para el Progreso de las Ciencias. S.I: Sucesores de Rivadeneyra (S. A.), p. 209-221.
- CORREIA, M. (1919a) – Osteometria Portuguesa. II. Cintura Escapular. *Anais da Academia Politécnica do Porto*. Vol. XIII. Porto: s.n., p. 102-123, 172-192.
- CORREIA, Mendes. (1919b) – *Raça e Nacionalidade*. Porto: Renascença Portuguesa.
- CORREIA, M. (1920) – Osteometria Portuguesa. III. Cintura Pélvica. *Annaes da Academia Polytechnica do Porto*. Extracto do Tomo XIV. Coimbra: Imprensa da Universidade, p. 1-16.
- CORREIA, Mendes. (1921a) – *Homo. Os modernos estudos sobre a origem do homem*. Lisboa: Lúmen.
- CORREIA, M. (1921b) – Etnologia Ibérica. Considerações sobre as origens do povo português. Conferência na Universidade de Madrid em 20 de Maio de 1920. *Annaes da Academia Polytechnica do Porto*. Extracto do Tomo XIV. Coimbra: Imprensa da Universidade, p. 1-21.
- CORREIA, M. (1923a) – *Nouvelles observations sur l'Homo Taganus, Nob*. Paris: Émile Nourry.
- CORREIA, M. (1923b) – Osteometria Portuguesa. IV. Esqueleto do braço e do antebraço. *Annaes da Academia Polytechnica do Porto*. Extracto do tomo XV. Coimbra: Imprensa da Universidade, p. 1-38.
- CORREIA, M. (1925) – O significado genealógico do 'Australopithecus' e do crânio de Tabgha e o arco antropológico Índico. *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*. Vol. II. Fasc. III. Porto: SPAE, p. 249-286.
- CORREIA, M. (1926a) – *Homo. Os modernos estudos sobre a origem do homem*. 2.ª Ed. Coimbra: Atlântida.
- CORREIA, M. (1926b) – Osteometria portuguesa. II. Esqueleto apendicular dos membros superiores. In *Congresso do Porto. Associação portuguesa para o Progresso das Ciências*. Coimbra: Imprensa da Universidade, p. 1-6.
- CORREIA, M. (1928) – *O problema eugénico em Portugal*. Separata do livro *Congresso Nacional de Medicina*. Porto – Junho de 1927. Porto: Tipografia da Enciclopédia Portuguesa. Junho de 1927, p. 1-8.
- CORREIA, M. (1929) – *Geologia e Antropologia em Portugal*. Exposição Portuguesa em Sevilha. Lisboa: Imprensa Nacional de Lisboa.
- CORREIA, M. (1931a) – *A Nova Antropologia Criminal*. Porto: Imprensa Portuguesa.
- CORREIA, M. (1931b) – Os grupos sanguíneos na genética. *Anais da Faculdade de Ciências do Porto*. Extracto do Tomo XVI. Porto: Imprensa Portuguesa, p. 1-31.
- CORREIA, M. (1932) – *As origens da cidade do Pôrto*. Gaia: Edições Pátria, p. 1-54.
- CORREIA, M. (1933) – Les nouvelles fouilles à Muge (Portugal). *Extrait du XV<sup>e</sup> Congrès International d'Anthropologie & d'Archéologie Préhistorique (suite). V<sup>e</sup> Session de l'Institut International d'Anthropologie*. Paris. 20-27 Septembre 1931. Paris: Librairie E. Nourry, p. 1-16.
- CORREIA, M. (1934a) – Os mestiços nas colónias portuguesas. In *Trabalhos do I Congresso Nacional de Antropologia Colonial*. Vol. I. Porto: Edições da I Exposição Colonial Portuguesa. p. 331-349.
- CORREIA, M. (1934b) – Discurso Inaugural no I Congresso Nacional de Antropologia Colonial. In *Trabalhos do I Congresso Nacional de Antropologia Colonial*. Vol. I. Porto: Edições da I Exposição Colonial Portuguesa, p. 21-29.
- CORREIA, M. (1934c) – Novos elementos para a cronologia dos concheiros de Muge. *Anais da Faculdade de Ciências do Porto*. Extracto do Tomo XVIII. Porto: Imprensa Portuguesa, p. 1-8.
- CORREIA, M. (1935) – *As origens da cidade do Pôrto (Cale, Portucale e Pôrto)*. 2.ª Ed. Porto: Fernando Machado & C.ª Editores, p. 1-77.
- CORREIA, M. (1936) – A propósito do 'Homo Taganus'. Africanos em Portugal. Separata do *Boletim da Junta Geral do Distrito de Santarém*. N.º 43, p. 1-23.
- CORREIA, M. (1940a) – Discurso na Sessão Inaugural do Congresso Nacional de Ciências da População. In *Congressos do Mundo Português*. 1940. Porto: Imprensa Portuguesa.
- CORREIA, M. (1940b) – O mestiçamento nas colónias portuguesas. In *Congressos do Mundo Português*. Comemorações portuguesas de 1940. Comunicação apresentada ao IX Congresso: Congresso Colonial. Tomo 1.º. I Secção Lisboa: Edição dos Congressos do Mundo Português, p. 113-133.
- CORREIA, M. (1940c) – Factores degenerativos na população portuguesa e seu combate. In *Congresso Nacional de Ciências da População*. Tomo 1.º. II secção, p. 577-589.
- CORREIA, M. (1940d) – O elemento português na demografia do Brasil. In *Comemorações portuguesas de 1940. Comunicação apresentada ao VII Congresso: Congresso Luso-Brasileiro de História*. Tomo 3.º. II Secção. Parte II. O Império e a República. Lisboa: Comissão Executiva dos Centenários, p. 243-258.
- CORREIA, M. (1940e) – Novas estações líticas em Muge. Memória apresentada ao I Congresso do Mundo Português. Lisboa: s.n., p. 1-17.
- CORREIA, M. (1941) – *A Escola Antropológica Portuense*. Lisboa: s.n.
- CORREIA, M. (1941) – Conceitos genéticos de raça e de constituição. In *Actas do I Congresso Nacional de Ciências Naturais*. Lisboa, 1941. *Boletim da Sociedade Portuguesa de Ciências Naturais*. Volume XIII, 1942, Suplemento II, p. 27-29.
- CORREIA, M. (1943) – *Raças do Império*. Porto: Portucalense Editora.
- CORREIA, M. (1945) – Missões antropológicas às colónias. Separata do *Jornal do Médico*, VII (149): 11-12. 1945. Porto: Costa Carregal.

- CORREIA, M. (1946) – A masculinidade nos nascimentos em Portugal. Separata n.º 3 da *Revista do Centro de Estudos Demográficos*. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística, p. 9-31.
- CORREIA, M. (1950a) – *O Porto, suas origens, evolução e perspectivas*. Separata do *Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto*. Vol. XIII. Fasc. 3-4.
- CORREIA, M. (1950b) – Donde veio o nome de Lisboa?. Separata n.º 42 da *Revista Municipal de Lisboa*.
- CORREIA, M. (1952) – Aumento da população, emigração, colonização. *Extracto do Anuário da Escola Superior Colonial*. Ano XXXIII. 1951-52. Lisboa.
- CORREIA, M. (1955) – *Um Mês em Timor. Palestras na Emissora Nacional, na Série "A Ciência ao Serviço da Humanidade"*. Lisboa: s.n.
- CORREIA, M. (1956) – Notice préliminaire sur les squelettes préhistoriques de Moita de Sebastião (Muge). Separata de *Crónica del IV Congreso Internacional de Ciencias Prehistóricas y Protohistóricas (Madrid, 1954)*. Lisboa: Casa Portuguesa, p. 133-139. *Diário da República*. N.º 89. 2.ª Série. 16-4-1987.
- Diários das Sessões da Assembleia Nacional. IV Legislatura (1945-1949), V Legislatura (1949-1953) e VI Legislatura (1953-1957)*. Disponível em: <http://debates.parlamento.pt>
- Estatutos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*, 1918. Porto: SPAE.
- FABIAN, J. (1983) – *Time and the Other. How anthropology makes its object*. New York: Columbia University Press.
- GUIMARÃES, A. (1984) – *Uma Corrente do Colonialismo Português. A Sociedade de Geografia de Lisboa - 1875-1895*. Lisboa.
- HANDLER, R. (ed.). (2000) – *Excluded Ancestors, Inventible Traditions. Essays Toward a More Inclusive History of Anthropology*. Madison, Wisconsin: The University of Wisconsin Press. Vol. 9.
- JÚNIOR, S. (1937a) – Missão antropológica a Moçambique. *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*. Porto: Imprensa Portuguesa.
- JÚNIOR, S. (1937b) – Grupos sanguíneos nos indígenas de Tete, Zambézia. *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*. 8. Porto: Imprensa Portuguesa, p. 213-217.
- JÚNIOR, S. (1938a) – Missão antropológica de Moçambique. (2.ª campanha). *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*. Porto: Imprensa Portuguesa.
- JÚNIOR, S. (1938b) – Relatório da missão antropológica à África do Sul e a Moçambique. *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*. Porto: Imprensa Portuguesa.
- JÚNIOR, S. (1944a). *Missão antropológica de Moçambique*. Lisboa: s.n.
- JÚNIOR, S. (1944b). *Contribuição para o estudo da Antropologia de Moçambique. Algumas tribos do distrito de Tete*. Lisboa: JIU.
- JÚNIOR, S. (1956) – *Antropologia de Moçambique*. Porto: s.n.
- LEAL, J. (2000) – *Etnografias Portuguesas (1870-1970). Cultura Popular e Identidade Nacional*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- LEAL, J. (2006) – *Antropologia em Portugal. Mestres, Percursos, Transições*. Lisboa: Livros Horizonte.
- LIMA, J. A. P. de (1934) – Estudos de Antropologia Colonial. O que temos feito e o que precisamos fazer. In *Trabalhos do I Congresso Nacional de Antropologia Colonial*. Vol. I. Porto: Edições da I Exposição Colonial Portuguesa, p. 105-133.
- MACHADO, B. (1904) – *A Universidade e a Nação. Oração inaugural do anno lectivo de 1904-1905, recitada na sala grande dos actos da Universidade de Coimbra no dia 16 de Outubro de 1904*. Coimbra: Imprensa da Universidade.

- MADUREIRA, N. L. (2003) – A estatística do corpo: antropologia física e antropometria na alvorada do século XX. *Etnográfica*. Vol. VII. N.º 2, p. 283-303.
- MATOS, P. F. de (2000) – Discursos e Saberes sobre Raça: Bibliografia Portuguesa (1870-1970), Base de dados bibliográficos brevemente disponível na página da Internet do CRIA (Centro em Rede de Investigação em Antropologia).
- MATOS, P. F. de (2006) – *As Côres do Império: Representações Raciais no Império Colonial Português*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.
- MATOS, P. F. de (2011) – *Mendes Correia e a Escola de Antropologia do Porto: contribuição para o estudo das relações entre antropologia, nacionalismo e colonialismo em Portugal (de finais do século XIX aos finais da década de 50 do século XX)*. Tese de Doutoramento em Ciências Sociais, especialidade em Antropologia Social e Cultural. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.
- "Missões Antropológicas e Etnológicas às Colónias, Decreto-lei n.º 34.478". 1951 (1945). *Anuário da Escola Superior Colonial*. Ano XXXII. 1950-1951. Lisboa: ESC., p. 146-149.
- MOSSE, G. L. (1963) – *The Culture of Western Europe. The Nineteenth and Twentieth Centuries. An Introduction*. London: John Murray.
- PEREIRA, A. L. (2001) – *Darwin em Portugal (1865-1914). Filosofia. História. Engenharia Social*. Coimbra: Almedina.
- PEREIRA, A. L., PITA, J. R. (1993) – Ciências. In José Matoso (dir.), *História de Portugal*. Vol. V, "O liberalismo 1807-1890" (coordenado por Luís Reis Torgal e João Roque). Lisboa: Círculo de Leitores, p. 652-667.
- PEREIRA, R. (1986) – "Antropologia aplicada na política colonial portuguesa do Estado Novo". *Revista Internacional de Estudos Africanos*. N.ºs 4-5. 1986, p. 191-235.
- PEREIRA, R. (1998) – Introdução à Reedição de 1998. In *Os Macondes de Moçambique. Aspectos Históricos e Económicos*. Vol. I. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses e IICT.
- PINA-CABRAL, J. de (1991) – *Os contextos da antropologia*. Lisboa: Difel.
- PINTO, R. de S., MAGALHÃES, H. (1942) – *Bibliografia do Professor Mendes Corrêa (1909-1944)*. Porto: Imprensa Portuguesa.
- Reitoria da Universidade do Porto (coord.) (2005) – *1. Etnologia e Arqueologia. Mendes Correia. Ciclo de Exposições "Aventureiros, Naturalistas e Coleccionadores"*. Porto: Universidade do Porto.
- ROQUE, R. (2001) – *Antropologia e Império. Fonseca Cardoso e a expedição à Índia em 1895*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.
- ROQUE, R. (2006) – A Antropologia Colonial Portuguesa (1911-1950). In CURTO, Diogo Ramada (Ed.). 2006. *Estudos de Sociologia da Leitura em Portugal no século XX*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, p. 789-822.
- SANTOS, G. D. dos (2005) – *A Escola de Antropologia de Coimbra. 1885-1950. O que significa seguir uma regra científica?* Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.
- SOUSA, F. de, RIBEIRO, M. P., ROCHA, R. (2009) – António Augusto Esteves Mendes Correia. In *Os Presidentes da Câmara Municipal do Porto (1822-2009)*. Porto: CEPES. Vol. II, p. 479-485.
- UPorto Alumni. *Revista dos Antigos Alunos da Universidade do Porto*. Junho de 2007. Porto: Universidade do Porto.
- VÁRIOS (1999) – *Al-Madan*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. II série. N.º 8. Outubro de 1999.





Figura n.º 1. Pais de Mendes Correia, sem data.



Figura n.º 2. Mendes Correia, Estúdios Alvão, sem data.



Grupo tirado no Teatro Anatómico do antigo Instituto de Anatomia, durante uma reunião de Curso de 1911. Da esquerda para a direita: o Prof. Mendes Corrêa, o Dr. Eduardo da Silva Bastos, o Dr. Alfredo Júlio de Oliveira, o Dr. Eduardo da Fonseca e Almeida, o Prof. Hernâni Monteiro (sentado), o Dr. Abel Tavares (pai), o Dr. Alberto Pereira de Macedo, o Prof. Carlos Lima, o Dr. A. Ferrel de Lemos, o Prof. Oliveira Lima, o Prof. Teixeira Bastos (sentado), o Prof. Almeida Garrett, o Dr. Casimiro Carvalho, o Dr. Vítor Chaves, o Prof. J. A. Pires de Lima (sentado), o Prof. Rocha Pereira, o Dr. António da Silva Aroso (sentado), o Dr. Sebastião Feio de Azevedo, o Dr. Manuel da Cunha Gonçalves, o Prof. Américo Pires de Lima e o Dr. Manuel Pinto.

Figura n.º 3. Mendes Correia no Instituto de Anatomia, numa reunião do curso de 1911. *Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto*. In Fasc. 1-2. Vol. XXV. Março-Junho de 1962.



Figura n.º 4. Logótipo do Instituto de Antropologia da Universidade do Porto.



Figura n.º 5. Logótipo da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia (SPAEE, 1918).

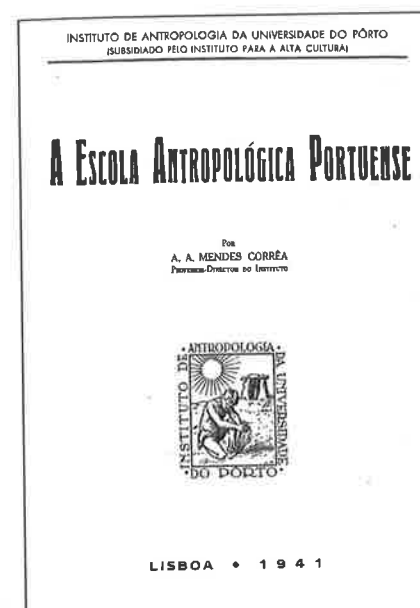


Figura n.º 6. Capa de *A Escola Antropológica Portuguesa*. Lisboa, s. ed., 1941.



Figura n.º 7. Mendes Correia com o Chefe de Estado, Óscar Carmona, no Porto, sem data.





Figura n.º 8. Fotografia da Sala da Exposição Aventureiros, Naturalistas e Coleccionadores. In *Etnologia e Arqueologia. Mendes Correia. Ciclo de Exposições Aventureiros, Naturalistas e Coleccionadores*. Porto: Universidade do Porto, 2005.



Figura n.º 9. Retrato de Mendes Correia, Salão Nobre da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, Departamento de Biologia.

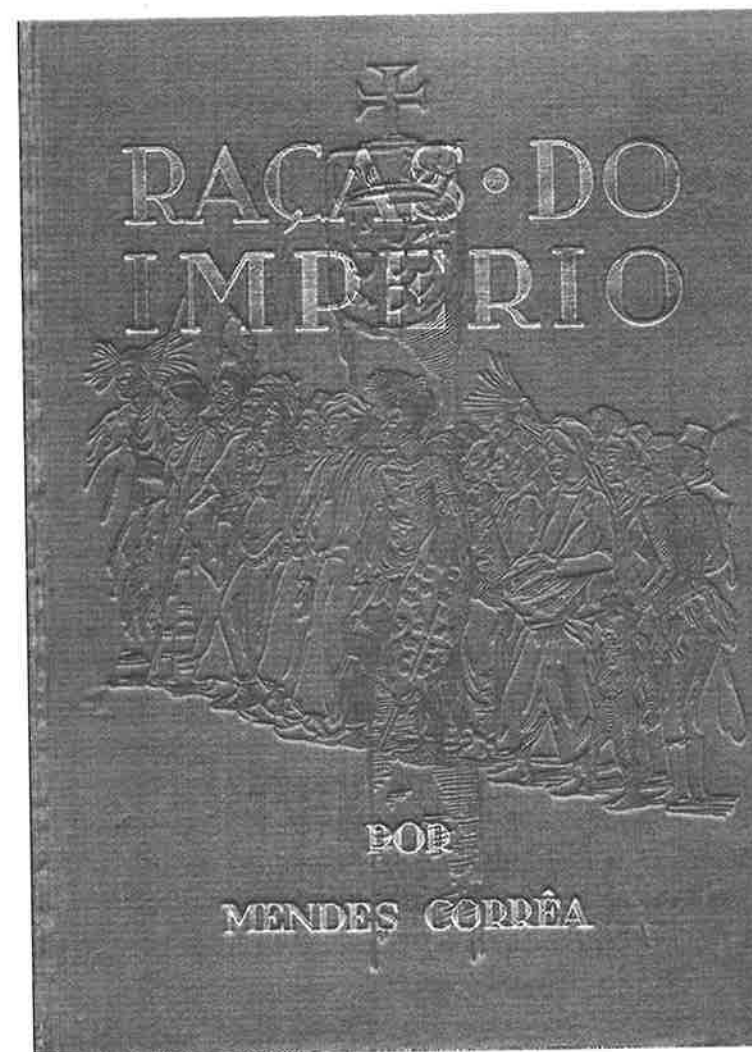


Figura n.º 10. Capa de *Raças do Império*. Porto: Portucalense Editora, 1943.